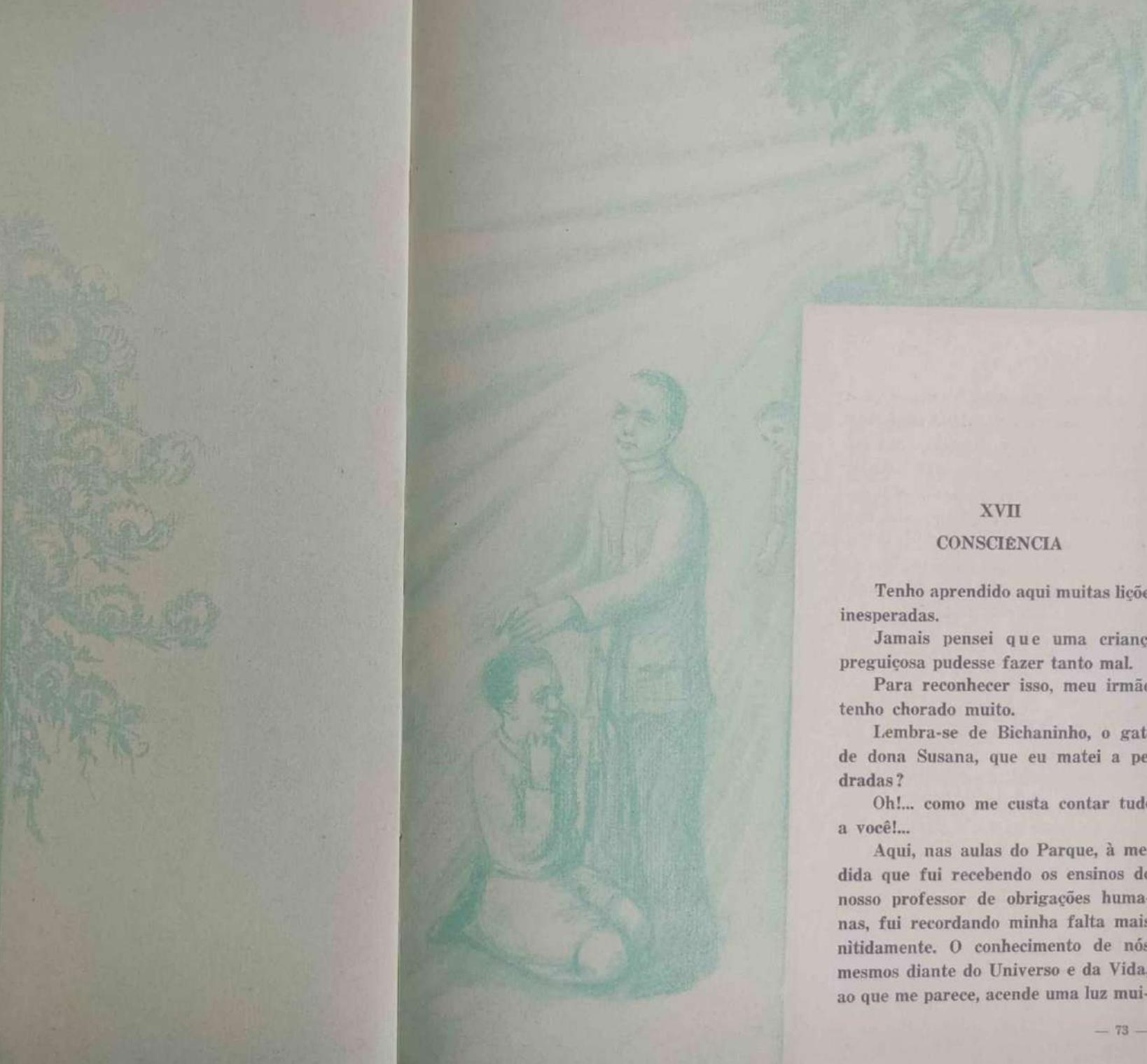


Hoje, porém, invejo os meninos obedientes e bons, observando-lhes a felicidade quando deles me aproximo nas horas de repouso e oração. Vejo-os sorridentes e venturosos, quando passam junto de mim, sem vaidade ou afetação, e peço a Jesus, com firmeza, me anime a ser trabalhador e perseverante no bem, a fim de que, um dia, possa unir-me a eles, nos grandes e abençoados serviços de elevação espiritual.



XVII
CONSCIÊNCIA

Tenho aprendido aqui muitas lições inesperadas.

Jamais pensei que uma criança preguiçosa pudesse fazer tanto mal.

Para reconhecer isso, meu irmão, tenho chorado muito.

Lembra-se de Bichaninho, o gato de dona Susana, que eu matei a pedradas?

Oh!... como me custa contar tudo a você!...

Aqui, nas aulas do Parque, à medida que fui recebendo os ensinos do nosso professor de obrigações humanas, fui recordando minha falta mais nitidamente. O conhecimento de nós mesmos diante do Universo e da Vida, ao que me parece, acende uma luz mui-

to forte nas zonas mais íntimas de nosso ser. Com essa claridade misteriosa, minhas recordações dos dias que se foram surgem completas e movimentadas em minha imaginação. E' assim que, penetrando o fundo de mim mesmo, revi minha vítima, ouvindo-lhe, de novo, os gemidos angustiosos. Inundada pela luz da verdadeira compreensão, minha visão interior permanecia como que alterada. Comecei a ver Bichaninho, em toda parte. Trazia-o comigo no estudo e no recreio, no serviço e no descanso.

Chegou um momento em que não pude mais. Gritei com toda força. Pedi socorro ao professor e aos colegas. Noso instrutor falava, justamente nesse instante, sobre o amor e a gratidão que devemos aos animais e, dentro de minha consciência, nesse minuto inesquecível, os olhos aflitos do gatinho pareciam procurar os meus, suplicando piedade.

Vencido, ajoelhei-me em pranto, confessei minha falta grave em alta voz

e supliquei ao orientador das lições me afastasse daquele quadro terrível.

Voltaram-se para mim os companheiros, assustados, quando cai, gritando.

O instrutor, todavia, sorriu, benévolo como sempre, aproximou-se, abraçando-me paternalmente, e exclamou:

— Já sei o que lhe ocorre, meu filho! tenha calma e paciência. Você está melhorando, porque já descobre as próprias faltas por si mesmo.

Reparei que ele se achava igualmente comovido. Mostrava os olhos rasos d'água.

Depois de longa pausa, afagou-me a cabeça e disse:

— Porque matou esse gato trabalhador e inocente, sem necessidade? A imagem da vítima está profundamente associada às suas lembranças.

Compreendendo que o professor enxergava quanto se achava oculto em minhas recordações, abracei-me a ele e supliquei:

— Meu protetor, meu amigo, ajude-me por piedade!

Ouviu-me com emoção a súplica e compadeceu-se efetivamente de mim, porque impôs as mãos acolhedoras sobre a minha cabeça e orou com sentimento tão sublime, em favor de minha tranquilidade, que senti repentina renovação. Aquelas mãos carinhosas irradiaram intensa luz que me penetrou todo o ser e aquele banho de energias novas, aliado ao alívio da confissão diante de todos, apaziguou-me o espírito.



XVIII

REPARAÇÃO

Terminada a prece, recompus a fisionomia, pedindo ao professor me ensinasse o melhor recurso de resgatar o erro cometido por mim noutro tempo.

Recomendou-me, então, em preleção que servisse a todos os alunos da classe, a aproveitar o ensino e a experiência, dispensando o possível carinho aos animais, que são igualmente criaturas de Deus em marcha progressiva para o aperfeiçoamento, como todos nós, e exortou-me a renovar as recordações daquela hora, com orações fervorosas e sinceros propósitos de nunca mais destruir a vida dos seres frágeis e inofensivos da Criação Divina.

Em seguida, comentou as consequências desastrosas de nossos gestos